

SOBRE OLHAR, (NÃO) OUVIR, ESCREVER

Anahi Guedes de Mello – UFSC
Sônia Weidner Maluf – UFSC

OBJETO E OBJETIVOS

A metodologia de caráter etnográfico é o objeto desta reflexão, que tem como objetivo discutir a influência da surdez no fazer antropológico, tomando como foco da análise a experiência da autora principal, submetida a uma intervenção cirúrgica de implante coclear em 2003, e em constante processo de reabilitação auditiva mediante a utilização de diversas terapias (MELLO, 2005). Toma-se como ponto de partida o princípio estabelecido de que o “ouvir” é uma dimensão central da pesquisa qualitativa, e especificamente da pesquisa etnográfica (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). Masini (2003) afirma que a experiência perceptiva é o solo do conhecimento não somente das pessoas sem deficiências sensoriais, mas também daquelas que as possuem. Vygotsky (1997), ao abordar a organização do psiquismo na presença de deficiências sensoriais, analisa o papel dos processos de compensação social da deficiência na reorganização do sistema psicológico. Um tipo de surdez é escutar, mas não ouvir. Neste sentido, ao dar-se conta das nuances dos sons interpretando-os a partir das características visuais do objeto, as experiências de campo vêm abrindo novos caminhos sobre a percepção e as diferentes características do mundo concreto, influenciando na produção dos discursos etnográficos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa surgiu em função das dificuldades de (não) ouvir enfrentadas durante as experiências de trabalho de campo, tanto na iniciação científica quanto no decorrer de algumas disciplinas da área de Antropologia freqüentadas na graduação. Os desafios metodológicos dessa experiência de (não) ouvir tomam como base “*O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever*” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006), e as implicações teóricas decorrentes das freqüentes negociações relativas à alteridade da pesquisadora com os informantes durante o campo. Para isso também estão sendo feitas observações introspectivas, registros etnográficos e uma pesquisa bibliográfica sobre percepção e simbolização de sons e imagens (MELLO, 2005; MASINI, 2003; MERLEAU-PONTY, 1999; VYGOTSKY, 1997; WHITE, 1973), que posteriormente serão organizados e analisados à luz da teoria antropológica. Como essa reflexão é feita sobretudo em torno da experiência da autora principal, adotamos o uso da primeira pessoa do singular.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Durante o trabalho de campo, na tentativa de estabelecer uma relação dialógica com os informantes, seja ela efetivada ou não para um verdadeiro encontro etnográfico tal como nos encoraja Cardoso de Oliveira (2006), a comunicação sempre foi e continuará sendo o obstáculo mais forte – e invisível num primeiro momento – para a pessoa surda. Situações como não conseguir perceber, captar, acompanhar ou mesmo salvar o dito de forma usual, repetir-lhes ou pedir que me repitam n-vezes as mesmas palavras ou sentenças inteiras e ter que lançar mão de papel e caneta para escrever mostrando aos meus informantes o que primeiro tentou ser-lhes dito foram corriqueiras. Por outro lado, a descoberta do mundo dos sentidos por parte da pessoa surda usuária de implante coclear desencadeia um conjunto de novos parâmetros sobre elementos que constituem o real. No tocante ao fazer antropológico, mesmo essas descobertas sonoras não implicam num pleno “desensurdecer-se”, elas antes representam um desafio ao meu *saber ouvir* em campo. Isso porque ao tornar-me usuária de implante coclear, comecei a escutar, mas não a ouvir, uma vez que não conseguia simbolizar muitos sons. Por exemplo, antes do implante coclear eu visualizava o som de um copo quebrando-se no chão, associando-o instantaneamente à sua imagem. Com o implante coclear, som e imagem fundiram-se, mas o aprendizado desse novo som só se deu quando finalmente o simbolizei. Aliás, o ouvinte também “vê” o som: é por isso que percebi por que um pássaro se chama bem-te-vi.

Uma explicação para as dificuldades enfrentadas em campo deve-se ao fato de que os dados etnográficos acham-se muitas vezes fragmentados, isto é, dissociados da função simbólica, o que é corroborado por Masini quando afirma que “Merleau-Ponty, ao tomar a percepção como solo originário do conhecimento – percepção que se dá no corpo, nas relações de significação com o que se dá ao seu redor – aponta um caminho para se saber da pessoa com deficiência. Ele se refere aos conteúdos particulares (a especificidade) e às formas de percepção (a generalidade). Os conteúdos são os dados sensoriais (visão, tato, audição) e a forma,

a organização total desses dados, que é fornecida pela função simbólica. Há uma dialética entre conteúdo e forma: não se pode organizar nada se não houve dados, mas estes, quando fragmentados (dissociados da função simbólica), de nada adiantam.” (MASINI, 2003:40)

Neste sentido, o meu olhar, (não) ouvir e escrever etnográficos unificados como atos cognitivos disciplinados pela teoria antropológica só conseguem captar o “excedente de sentido” proporcionado por um “verdadeiro encontro etnográfico”, quando se compreende que, numa relação dialógica entre entrevistadora/entrevistado(a), os dados só poderão ser acessados se se levar em conta as minhas experiências perceptivas, uma vez que a pessoa surda “dirige e passeia o olhar para saber sobre as pessoas e objetos que a rodeiam de modo diferente da que dispõe da visão e também da audição.” (MASINI, 2003:42). Assim, a experiência etnográfica e sua relação com os sentidos revelaram-se uma dimensão nova para se pensar o método etnográfico, questionando e problematizando os limites do meu fazer antropológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *l/r. O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
MASINI, E. F. S. A Experiência Perceptiva É o Solo do Conhecimento de Pessoas com e sem Deficiências Sensoriais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, nº 1, p. 39-43, jan.-jun. 2003
MELLO, A. G. Reflexiones de una Usuária de Implante Coclear: ¿que es lo que yo consigo escuchar? *l/r. V Congreso Iberoamericano de Informática Educativa Especial, Anais...* Montevideo, Uruguay, 2005.
MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de la Defectologia**. Madrid: Visor, 1997.
WHITE, L. A. Os Símbolos e o Comportamento Humano. *l/r. CARDOSO, F. H.; IANNI, O. (Orgs.). Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

AGRADECIMENTOS:

Ao antropólogo Prof. Dr. Mauro Cherobim (Unesp-Marília), à antropóloga Profa Dra Miriam Pillar Grossi (UFSC) e ao cientista social Fabiano Souto.

AGÊNCIA DE FOMENTO DE PESQUISA:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq